

tica, na certeza de que capítulos reflexivos que o autor desenvolve, paralelamente à descrição da fala de Las Palmas, poderão interessá-los, no sentido de conhecer uma série de posições críticas modernas, com vistas às relações entre língua, cultura e sociedade.

DINO PRETI

* *

*

CÉSAR VALLEJO — *EL ESCRITOR Y LA CRÍTICA*, edição de Julio Ortega, Madrid, Taurus Ediciones SA., 1974, 501 páginas.

O livro organizado por Julio Ortega faz parte da série *El escritor y la crítica*, dirigida por Ricardo Gullón. Integram tal coleção edições de textos críticos coligidos por estudiosos de reconhecido nome no mundo das letras hispano-americanas. Até o momento, publicaram-se seis volumes, dedicados, pela ordem, a Benito Pérez Galdós, Antonio Machado, Federico García Lorca, Miguel de Unamuno, Pío Baroja e César Vallejo.

Os artigos e ensaios compilados por Julio Ortega para compor o livro de que nos ocupamos foram dispostos em quatro conjuntos básicos: I — *Pessoa e significado*; II — *Testemunhos*; III — *Textos e temas* e IV — *Pensamento poético*. Semelhante ordenamento cumpre a finalidade de mostrar uma imagem crítica da obra de César Vallejo a partir do que poderia chamar-se, se concordarmos com a opinião do responsável pela edição, uma integração de perspectivas analíticas. Exceção feita aos trabalhos de José Miguel Oviedo — “Vallejo entre la vanguardia y la revolución” — Saúl Yurkievich — “El salto por el ojo de la aguja” —, James Higgins — “Vallejo y la tradición del poeta visionario” — e Américo Ferrari — “Poesía, teoría, ideología” escritos especialmente para a coletânea, os vinte e sete trabalhos restantes — artigos, ensaios e fragmentos de livros — já foram publicados em datas e lugares muito diferentes. Das quatro exceções assinaladas, as duas derradeiras de autores que, nestes cinco últimos anos, publicaram os livros mais importantes sobre a obra de César Vallejo. James Higgins lançou em 1970 *Visión del hombre y de la vida en las últimas obras poéticas de César Vallejo*, México, Siglo Veintiuno SA — obra um tanto monótona, pois se desenvolve lentamente através de descrições, paráfrases em boa parte, de poemas e fragmentos poemáticos com o intuito de chegar ao “segredo” da lírica vallejana — e Américo Ferrari, em 1972, pela Monte Avila Editores, de Caracas, *El universo poético de César Vallejo*, ensaio em que o autor, em suas 355 páginas, estuda a temática temporal e existencialista como contorno genérico da lírica do peruano para traçar a evolução desses temas no itinerário poético do cantor de *España aparta de mí este cáliz*. Em relação à obra de Higgins, o ensaio de Ferrari, tomando como referência básica valores informativos, é mais consistente, embora se persista em explicar a produção artística de Vallejo e partir de substâncias ideológicas

em que o tempo e a morte — simbolizados na aliança indissolúvel de Eos e Tanatos — constituem os eixos semânticos em que se inspira o poeta para moldar seus sentimentos primordiais. Essa visão substancialista, porém, é responsável pelos equívocos advindos das esquematizações genéricas, como esta: “Existe una aparente solución de continuidad entre los tres libros de Vallejo, y, sobre todo, entre los *Heraldos Negros* y *Trilce*; pero es más que nada la estructura formal del poema lo que cambia; la emoción que lo sustenta y las intuiciones fundamentales del universo poético están ya en el primer libro.” Sem dúvida; mas ocorre que as *formas do conteúdo de Trilce*, por exemplo, se diferenciam em muito das *formas do conteúdo de Los Heraldos Negros* e tais diferenças se devem à estrutura formal de que fala Ferrari desde que esta venha a ser entendida não apenas como elemento perceptível do plano da expressão, mas como elemento modelizante das formas do conteúdo. Em todo caso, o ensaio de Ferrari, visto em relação à bibliografia crítica sobre Vallejo representa considerável avanço.

Retornando à compilação de Julio Ortega, observe-se que, em cada um dos quatro conjuntos já assinalados, resume-se, de modo paradigmático, uma tendência crítica. No primeiro, constituído por estudos de Thomas Merton, André Coyné, Sebastián Salazar Bondy, Hans Magnus Enzensberger, Fernando Alegria, Juan Carlos Ghiano, José Angel Valente e Juan Larrea, configura-se o paradigma da personalidade do poeta refletida em sua obra. Em termos cronológicos, o iniciador dessa modalidade, nos estudos sobre Vallejo, é Antenor Orrego em *Palabras Prologales*, primeira edição de *Trilce* (1922). Ele esquematiza aí o valor poético e representativo desse livro de poemas ao considerar a lírica trílce como uma luta em busca do ser, razão pela qual a linguagem é o resultado de uma descoberta existencial e não propriamente retórica. Por ocasião dos simpósios organizados pela Universidade de Córdoba, na Argentina, Orrego apresenta, em 1961, essa mesma tese, ampliada e relacionada agora com o que ele chama de *ser de América*. O trabalho “El sentido americano y universal de la poesía de César Vallejo” esclarece os argumentos de 1922, articulando-os com alguns conceitos heideggerianos. Julio Ortega agiu bem em tê-lo incluído neste primeiro conjunto, pois a tese de Orrego tem o mérito de situar a *pessoa* de Vallejo fora dos falsos regionalismos de que alguns críticos posteriores lançaram mão para explicar a personalidade do autor de *Poemas humanos*. Como contribuições relevantes a essa tendência crítica iniciada por Orrego, podem ser citadas além das obras de Elsa Villanueva, Luis Monguió e André Coyné, produções mais recentes —: Manuel Castañón — *Pasión por Vallejo* (1963) —, Juan Espejo Asturrizaga — *César Vallejo. Itinerario del hombre* (1965) e, principalmente, André Coyné — *César Vallejo* (1969) — Seria injusto, porém, deixar de lado o trabalho *Significado conjunto de la vida y de la obra de César Vallejo* (1962), onde Juan Larrea situa a personalidade do poeta em dois níveis: “ el de su cultura original, con su “yo” o sujeto característico, y el de la cultura universal por venir, o tú de su amor metafísico. ” Em suma, se Ortega tivesse fornecido, mesmo que de

maneira sucinta, informações sobre o rol de tendências em que se inserem os textos por ele selecionados para formar o primeiro conjunto de sua coletânea, o leitor chegaria com mais segurança a essa integração de perspectivas analíticas a que ele próprio alude em sua *Nota Preliminar*. Em todo caso, o paradigma deste primeiro conjunto poderia ser definido, tendo em mente os componentes do ato comunicativo, como uma gradativa passagem do *eu real* do poeta — pretense *eu real* do poeta — ao *eu ideal* do emissor tal como é projetado pelos vários sistemas ideológicos que o crítico-leitor põe em prática em sua atividade de leitura.

O segundo conjunto, integrado por trabalhos de Ciro Alegría, Alcides Spelucí., Antenor Orrego, José Bergamín, Pablo Neruda, Xavier Abril, Humberto Díaz-Casanueva e Daniel Devoto, vincula-se ao anterior ao estabelecer um paradigma que se define pelos significados decorrentes de circunstâncias vividas por Vallejo e testemunhadas, de algum modo, por outros escritores. As circunstâncias, às vezes, são imaginárias e, por isso mesmo, pretextos para justificar os significados atribuídos a poemas ou à obra de Vallejo. O *Elogio fúnebre*, de Pablo Neruda, exemplifica bem esse mecanismo —: “Por estos tiempos de París, él vivía con la ventana abierta, y su pensativa cabeza de piedra peruana recogía el rumor de Francia, del mundo, de España. ”

O terceiro conjunto, formado pelos trabalhos de Alberto Escobar, Saúl Yu kievich, Eduardo Neale-Silva, Noël Salomon, Gonzalo Sobejano, Roberto Paoli, Luis Monguió, Cintio Vitier, Américo Ferrari, José Miguel Oviedo e Guillermo Sucre, é o mais amplo dos quatro e denota, considerando as características do paradigma em que se fundamenta, a preferência da crítica hispano-americana pela linha de análise temática. Luís Monguió, tendo em vista um meio de penetrar no hermitismo dos poemas de *Trilce*, ordena uma base temática — a prisão e a solidão, a saudade da mãe e do lar — que informa quase todos os poemas dessa obra. A obra posterior do poeta resulta da expressão de duas coordenadas temáticas constantes: a morte e a esperança. Julio Ortega não inclui neste conjunto nenhum fragmento do livro *La poesía de César Vallejo*, de Elsa Villanueva, cujos estudos temáticos possuem muitos pontos em comum com os de Luís Monguió. A obra de Elsa Villanueva é anterior à de Luis Monguió. Alguns dos trabalhos selecionados por Ortega se reportam à temática nativista de *Los Heraldos Negros* prolongando, dessa maneira, a linha do pensamento de Mariátegui. Mas no tocante ao estudo da temática de Vallejo, a obra que viria a significar um real progresso seria, precisamente o trabalho de Roberto Paoli — *Poesie, di César Vallejo (Traduzioni, studi introduttivi e bibliografia)* (1964). — O magnífico estudo do crítico italiano vai assinalando, em todas as obras, os temas e a tonalidade caracterizadora, de modo que a personalidade do poeta se ilumina a partir da análise dos poemas. Há, portanto, uma inversão do método de trabalho usado por Luis Monguió e Elsa Villanueva. Os dois grupos temáticos fundamentais — o nativismo e o lar perdido — constituem o fulcro do trabalho valorativo desenvolvido por Paoli tomando como base as modalidades expressivas dife-

renciadas. Ao interrelacionar o tema à expressão, o crítico italiano elimina o fator geográfico como elemento definidor do americanismo da poesia de Vallejo. Para ele, *Trilce* possui duas modalidades expressivas que alteram constantemente idênticos motivos temáticos: numa, a temática está expessada em relação ao cosmos organizado; noutra em relação ao presente caótico. Essas duas modalidades de sentimentos externam-se em duas modalidades expressivas correspondentes; uma utiliza um simbolismo claro que respeita a ordenação sintática, outra que tumultua a estrutura linguística normal, instaurando a expressão caótica. O trabalho de Paoli termina com uma entusiástica análise de *España ,aparta de mí este cáliz*. Precisamente a parte traduzida por Elpidio Laguna Díaz para integrar a seleção de Julio Ortega. O extraordinário estudo temático feito por Roberto Paoli, a investigação inteligente de Noël Salomon e as análises de Juan Larrea giram sobre aspectos estudados, no geral, por todos os críticos incluídos neste conjunto e prov.m, em suas conclusões a integridade da teoria de Antenor Orrego.

Dos quatro trabalhos selecionados por Julio Ortega para formar o quarto conjunto de sua coletânea, apenas o de Walter Mignolo — “La dispersión de la palabra: Aproximaciones lingüísticas a poemas Vallejo” — se desvincula da linha crítica que se configura nos paradigmas assinalados com o intuito de estabelecer princípios ordenadores para os conjuntos. Os trabalhos de Saúl Yurkievich — “El salto por el ojo de la aguja” —, James Higgins — “Vallejo y la tradición del poeta visionario” —, e Enrique Ballón Aguirre — “La interrogante en la poética de Vallejo” — prolongam a linha da crítica temática. Pensamos que tal linha teria adquirido maior consistência para o leitor se Julio Ortega tivesse incluído neste conjunto fragmentos do último livro de André Coyné. Em todo caso, este último grupo de trabalhos selecionados deixa de manifesto que a crítica semiótico-linguística não aplicou ainda seu instrumental à poesia de Vallejo. O trabalho de Walter Mignolo é uma das primeiras tentativas.

EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL

* * *

*

DUAS EDIÇÕES CRÍTICAS DE HEINE PATENTEIAM A DIVISÃO
ALEMÃ

HEINE, Heinrich, *Historisch-kritische Gesamtausgabe der Werke*, (ed.) Manfred Windfuhr; vol. 6: *Briefe aus Berlin/Über Polen/Reisebilder*, org. Jost Hermand, editora Hoffmann und Campe, Hamburgo, 1973, 922 p.

Por ocasião do 175º aniversário de nascimento de Heinrich Heine realizou-se na sua cidade natal, Düsseldorf, um Congresso de Germanística, em que Jost Hermand, professor de Literatura Alemã da Universidade de Wisconsin